

Fazer política e ocupar a cidade: o acesso aos direitos das profissionais do sexo por meio de criações artísticas e práticas cotidianas do Coletivo Por Elas Empoderadas¹

Marcella Cristyna Morena Sousa Lima²

Palavras chaves: Prostituição; Política; Cidade.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como pretensão contribuir com o debate sobre outras formas de atuar politicamente no mundo, especificamente através da arte e do estímulo às redes de ajuda mútua. Desde o ano de 2022, venho acompanhando as atividades do Coletivo Por Elas Empoderadas, um grupo político formado por mulheres negras, cis, trans e trabalhadoras sexuais, profissionais de saúde e de educação. O Coletivo se articula em torno dos direitos das profissionais do sexo que atuam na região do Centro Histórico de São Luís-MA, área reconhecida desde 1997 como Patrimônio Cultural Mundial pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco).

Antes de me atentar às criações e ações do grupo, é preciso contextualizar a temática de estudo. Primeiramente, a escolha do local se dá pelo fato da atividade da prostituição ser historicamente presente na região do Centro Histórico. Algumas décadas antes, entre os anos de 1950 e 1960, os bairros Desterro e Praia Grande fizeram parte da Zona do Baixo Meretrício (ZBM), ali se concentrava a vida boêmia da cidade de São Luís e as principais áreas de prostituição. Por ser o local onde ficava concentrada grande parte da ZBM, o Desterro representava uma ameaça à “ordem” e “moral” da sociedade, associado a um lugar marginal, de violência e degradação (Bezerra, 2023; Gato, 2018). Atualmente, na rua Oscar Frota, localizada no bairro do Desterro, ainda há prática da atividade de prostituição, que marca o cotidiano dos moradores do bairro. Na Praia Grande, que se tornou um polo turístico da cidade, por sua vez, os casarões que antes concentravam as boates e cabarés adquiriram outros usos e se tornaram espaços de pousadas, ateliês ou serviços públicos.

Essa lembrança, no passado, do trabalho sexual no Centro Histórico rememora a atuação das profissionais do sexo através da criação, em 2003, da Associação das

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia. (Ano: 2026).

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão e integrante do Laboratório de Estudos em Antropologia Política (LEAP).

Profissionais do Sexo do Maranhão (APROSMA). A APROSMA atuou por muito tempo em torno da causa das profissionais do sexo, até que se desfez. Em 2019, um outro grupo foi criado por algumas das antigas lideranças que antes formavam a Associação, o Coletivo Por Elas Empoderadas. As pautas e agenda de atuação política dos dois grupos são semelhantes, com a promoção de ações voltadas à garantia dos direitos trabalhistas, sexuais e direitos relacionados à saúde e moradia das trabalhadoras sexuais.

A diferença entre esses dois grupos é o quadro de pessoas que o compõem. Antes, a APROSMA era formada apenas por prostitutas. O Coletivo, por sua vez, é formado por elas e por outras pessoas, como profissionais de diferentes áreas do conhecimento (professoras da rede federal de ensino, advogados e enfermeiras) e militantes da comunidade LGBTQIAPN+. Tendo isso em vista, a principal área de atuação das ativistas³ do Coletivo é o bairro do Desterro, elas promovem ações em grande maioria voltadas para as profissionais do sexo que atuam na rua Oscar Frota. Segundo as integrantes do grupo, a maioria dessas trabalhadoras são mulheres negras, periféricas e mães, que fazem da prostituição um meio de obter renda e sustentar seus filhos.

O Coletivo organiza ações de diferentes naturezas com essas mulheres, desde a distribuição de camisinhas e lubrificantes - seus “*materiais de trabalho*”⁴ -, agendamento de exame de mamografia, até palestras e eventos dos quais emergem debates referentes às suas condições de trabalho, moradia e saúde mental, na tentativa de mobilizá-las politicamente. Essas diferentes ações dizem muito a respeito de sua atuação política, uma vez que não são focadas apenas nas vivências sexuais das profissionais, e chamam atenção para outros universos sociais nos quais elas estão inseridas.

Na pesquisa que venho realizando, iniciada em 2022, até o presente momento, identifiquei que atividades do Coletivo, como reuniões, festas e eventos, têm como cenário o Bar dos Amigos⁵, localizado no bairro do Desterro e gerenciado por dona Amparo. No Bar, tanto as ativistas quanto as profissionais do sexo com quem atuam circulam nele cotidianamente⁶. É nesse mesmo espaço que o grupo organiza festas voltadas para as trabalhadoras sexuais e mulheres da comunidade, como a Festa do Dia das Mães, festas de aniversário e outras datas comemorativas. As festas se expandem do

³ Decido tratar “ativistas” no feminino pelo fato do Coletivo ser formado majoritariamente por mulheres.

⁴ As frases em itálico e entre aspas neste texto são falas das interlocutoras e trechos retirados dos diários de campo.

⁵ Nomes fictícios.

⁶ Vale a ressalva: o Bar dos Amigos não é um local de trabalho das profissionais do sexo.

Bar para a rua, que juntos se transformam em um palco para performances de *drag queens*, pista de dança, e um espaço para comer, beber, celebrar entre amigos e amigas, estreitar laços e produzir formas estéticas de beleza urbana.

É por meio da festa e eventos que as profissionais do sexo, as militantes e seus parceiros e parceiras chamam atenção para a sua presença no espaço. Assim sendo, a problemática proposta é: como as festas organizadas pelo Coletivo, enquanto uma arte efêmera, se mostram como uma forma de atuar politicamente na defesa dos direitos das profissionais do sexo e uma forma de ocupar a cidade?

Como material empírico desse debate, trago duas cenas etnográficas: a Festa do Dia das Mães e o Bingo Solidário. A partir dessas cenas, tento trazer à tona os elementos das festas que conferem reconhecimento à presença das profissionais do sexo no cotidiano urbano e reforçam a necessidade da construção de uma posição política em defesa dos direitos das prostitutas. As duas cenas também representam diferentes momentos meus enquanto pesquisadora em campo: na Festa do Dia das Mães foi a primeira vez que tive contato com um evento desses e também com as ativistas do Coletivo; e no Bingo Solidário já carregava comigo alguma experiência no campo e relações que construí com algumas integrantes.

A escolha da etnografia como orientação teórica-metodológica neste trabalho se dá pela riqueza de como os dados são construídos, que preza pela subjetividade do pesquisador nesse processo, reconhecendo nossos limites no campo e as possibilidades de estranhamento em relação ao que vivemos. Penso com Silvana Nascimento (2019) que enquanto pesquisadoras, também seremos lidas pelas nossas interlocutoras, isto é, seremos observadas e classificadas, isso reflete diretamente nos dados que iremos construir, assim como na escrita etnográfica. Como propõe a autora, fazer uma antropologia com o corpo significa “deixar-se impregnar pelos múltiplos pontos de vista e experiências” (p. 478). Nas minhas experiências de campo, meu corpo não era neutro, ele assumia uma posição, de mulher negra e de pesquisadora, e essas marcas que carrego afetam diretamente a construção dos dados, atravessados pelas dimensões das minhas subjetividades.

Assim como Ana Paula Potengy Grabois (2025) acompanhei o cotidiano de minhas interlocutoras no Bar dos Amigos, porém, ao contrário do cotidiano dos interlocutores da autora, em meu campo, o que eu presenciei foi o estímulo a redes de ajuda mútua. Apesar da violência não ter aparecido de forma explícita, sabia que ela existia no contexto das profissionais do sexo pelos relatos das ativistas. No entanto, do mesmo modo que Grabois, tento ser fiel ao que minhas interlocutoras me mostraram:

um cotidiano permeado de estratégias para viver suas vidas e celebrar as possibilidades e multiplicidades da vida humana.

Dessa forma, a etnografia, enquanto esse estilo de compreender as coisas com certa capacidade reflexiva me parece adequado para analisar as especificidades do contexto aqui apresentado. Os relatos etnográficos sustentam as seguintes reflexões propostas nesse artigo: em primeiro lugar, procuro compreender as festas enquanto um espaço de atuação política, tendo como seus principais elementos o fortalecimento de relações entre as pessoas do Desterro, a arte e beleza urbana; em segundo lugar, entendo que essas festas, as pessoas e os elementos transformam o espaço da rua, criando assim uma forma de ocupar e fazer a cidade.

Buscando uma sistematização desse debate, este artigo se divide da seguinte maneira: 1) Introdução; 2) Cenas etnográficas; 3) Reflexões teóricas e 4) Considerações Finais.

2 CENAS ETNOGRÁFICAS

2.1 Festa do Dia das Mães, 14 de março de 2023

Na época em que fui convidada por uma das integrantes do Coletivo, dona Maria de Jesus, mais conhecida como dona Dijé, a participar da Festa do Dia das Mães, eu estava em campo para a minha pesquisa de iniciação científica⁷. Na época, ainda estava tentando entender o que era fazer campo, como deveria me comportar e o que eu deveria perguntar aos interlocutores. Quando recebi o convite, ao mesmo tempo que me senti insegura, também estava empolgada, pois seria o meu primeiro contato com algumas profissionais do sexo e outras integrantes do Coletivo. Na época, eu tinha contato apenas com Dijé, uma mulher negra com mais de sessenta anos, que atuou como profissional do sexo na antiga ZBM, hoje se denomina como “*ex-puta*”. Ela também é uma antiga integrante da APROSMA e uma das principais articuladoras do Coletivo.

Não fui sozinha à festa, dona Dijé também convidou a professora Martina Ahlert, que me acompanhou e escrevemos um diário de campo juntas. Lembro que em uma de minhas passagens do diário escrevi que não fiquei tão triste em relação a não

⁷ O PIBIC foi realizado nos anos de 2022 e 2023, a pesquisa levou o título “Dinâmicas de trabalho e estratégias de vida das profissionais do sexo do Centro Histórico de São Luís–MA” e esteve vinculado ao projeto “Políticas de Vida: uma etnografia sobre cotidiano, pobreza e estratégias populares”, desenvolvido e coordenado pela Prof.^a Dr.^a Martina Ahlert.

passar o Dia das Mães com a minha mãe. Martina colocou o seguinte trecho entre parênteses: *“Acho que é animação de pesquisadora jovem indo pela primeira vez ao seu campo ou participando de um evento mais íntimo com suas possíveis interlocutoras.”* E realmente era. A Festa do Dia das Mães aconteceu no Bar dos Amigos e começou por volta do meio-dia. O Coletivo organizou a festa para as mães do bairro do Desterro e para as profissionais do sexo, no entanto, outros clientes do Bar e moradores do bairro acabaram indo também.

O Bar dos Amigos é relativamente pequeno por dentro, assim como a calçada é estreita. No salão do Bar há uma porta que dá acesso ao banheiro, mas apenas os homens utilizam-no. As mulheres utilizam o banheiro que fica dentro da casa de dona Amparo, integrada ao Bar. Já depois do balcão, há uma porta que dá acesso à cozinha dela e ao restante da casa. Durante a festa, observei uma movimentação das integrantes do grupo entrando e saindo da casa de dona Amparo, como se aquele espaço também fosse delas. Sozinha, é dona Amparo quem cuida do Bar, uma senhora de mais de sessenta anos, cabelos curtos e brancos. Disse-me uma vez que estava acostumada a ficar sozinha, mas não se sentia só, pois tinha Deus, seus amigos e amigas que sempre estavam ali para lhe ajudar. Por isso, sobre a circulação das integrantes na sua casa e seu bar, me falou: *“elas podem entrar a hora que quiserem, podem banhar, podem comer e podem dormir aqui”*.

Assim que chegaram mais pessoas ao espaço, percebi um movimento de “expansão” da festa, cadeiras e mesas ocuparam a calçada do Bar e dos vizinhos. Quando eu e Martina chegamos lá, havia uma tenda em frente a porta de entrada e uma caixa de som em um tripé na calçada. As integrantes do Coletivo passavam por nós organizando o ambiente e, assim que encontramos dona Dijé, ela nos disse que a feijoada já seria servida. A intenção era que pudéssemos ajudar também nos preparativos, mas nenhuma delas deu muita bola para nossa oferta de ajuda, pelo contrário, elas pegaram uma mesa, duas cadeiras e nos colocaram lá fora, perguntaram se queríamos beber alguma coisa e, logo depois, uma mulher de pele negra com uma touca rosa na cabeça apareceu nos oferecendo salpicão. Percebemos naquele momento que, por ser uma festa, deveríamos nos comportar enquanto convidadas e entender que não seria o momento propício para uma investigação de pesquisa, mas que poderia render um bom diário de campo. Por isso, nos atentamos a outros detalhes.

Dona Dijé é conhecida no bairro do Desterro pela sua famosa feijoada, todos elogiam a sua comida. Em todos os eventos que o Coletivo organiza, ela sempre faz questão de arrecadar dinheiro para servir uma feijoada e outros acompanhamentos, o

que me faz refletir sobre a importância que a comida tem para ela nesses eventos. Nesse dia, tinha arroz, farofa, salada e frango assado. Pouco depois do almoço, nos sentamos embaixo da tenda com algumas integrantes do Coletivo: Flávia, Ana, Valéria e sua esposa⁸. Elas nos ofereceram um copo de cerveja e assim que todas foram servidas, brindamos. Em outra mesa estavam quatro mulheres sentadas conversando, bebendo e rindo, um amigo nosso e morador do Desterro, Dennis, nos contou que elas trabalhavam como profissionais do sexo. Novamente, não julguei apropriado interromper esse momento de festividade delas e das ativistas com questões relacionadas à minha pesquisa.

Por isso, enquanto a tarde seguia, fui percebendo algumas dinâmicas da festa: uma das integrantes do Coletivo, Eva, uma mulher negra de pele clara, cabelos lisos e curtos, e de baixa estatura, estava trabalhando no Bar ajudando dona Amparo a servir as bebidas. Trazia cerveja para nossa mesa, bebia conosco e, de vez em quando, parava para dançar os diferentes ritmos que tocavam na caixa de som. Quando a noite caiu, ela se sentou, visivelmente cansada, e Flávia ofereceu um prato de feijoada para ela, passando a mão nos seus cabelos enquanto comia, um gesto de carinho com sua amiga que tinha trabalhado a tarde sob o sol. Outras integrantes do grupo também estavam trabalhando, servindo as pessoas, e alternando entre servir, beber, conversar e dançar com as amigas.

Em determinado momento, uma cena me chamou a atenção: uma senhora de pele negra, cabelos pretos e curtos, tirou da bolsa uma taça de champanhe e começou a beber cerveja nela. De vez em quando, tirava um pano de tecido da bolsa e limpava o suor que escorria na testa, também trazia consigo um batom vermelho para retocar os lábios. No momento em que a olhei, estava retocando sua maquiagem, ela sorriu para mim e eu sorri de volta. Ainda, comecei a prestar mais atenção na *playlist* da festa, pois a caixa de som tinha sido substituída por um DJ e uma caixa ainda maior. Ele misturava diferentes gêneros, do rock ao brega, passando pela MPB e reggae. Essa mistura era percebida pelas pessoas que estavam na festa, não reclamavam, pelo contrário, estavam se divertindo com a combinação de ritmos. Acabei presenciando um dos momentos mais bonitos da noite: o DJ colocou a música Malandragem de Cássia Eller e um coro de vozes entoou a canção. Em seguida, Lança Perfume de Rita Lee, as integrantes do grupo e as profissionais do sexo cantavam, se abraçando com um copo de cerveja na mão.

⁸ Decido por preservar a identidade das integrantes do Coletivo, por esta razão, os nomes são fictícios.

Alguns trechos de músicas bregas me chamaram a atenção por remeterem ao universo da prostituição: “*Ela não é rapariga, ela é vendedora de prazer*” da música Vendedora de Amor, do cantor Evoney Fernandes; e “*A partir de hoje você não é mais rapariga, você vai ser a mulher da minha vida*” da música Eu Vou Tirar Você do Cabaré, do cantor Israel Muniz. Apesar de alguns termos pejorativos nas músicas, as mulheres presentes entoavam-nas e dançavam juntas. Assim que as músicas chamaram minha atenção, comentei com Martina e ela me contou da história de um policial que “tirou” uma mulher da prostituição na Oscar Frota, eles se casaram e ela ainda frequentava o Bar de vez em quando. Achei um fato curioso, afinal, quantas dessas músicas traduziam uma realidade do universo da prostituição no Desterro? Ao final da festa, na casa ao lado do bar, a casa de dona Amparo, as integrantes do Coletivo estavam na sua sala de estar envoltas de cestas básicas, elas começaram a distribuí-las para as profissionais do sexo que estavam presentes na festa. Tiravam fotos com elas na entrega de cada cesta, Dijé falou que era “*prestação de contas*”, e imaginei que ela estivesse se referindo a alguma autoridade política que teria fornecido subsídio para comprar os itens da cesta.

As cenas que escolhi retratar acima permitem perceber que a festa, pode ser pensada como uma arte efêmera, que tem o cotidiano urbano como lócus, apresenta diferentes elementos artísticos que a consagram enquanto arte: a dança, a estética, a música. São esses elementos que chamam a atenção para a presença das ativistas e profissionais do sexo no espaço, elas transformam a rua em palco para performar músicas com as amigas e para produzir beleza urbana. Todas as mulheres ali presentes, ativistas, profissionais do sexo, as amigas e parceiras do grupo, ocupam a rua ao seu modo, a partir de uma arte que tem o corpo como instrumento de performance, e essa arte nasce de suas experiências enquanto mulheres, ativistas e prostitutas na cidade de São Luís. Além disso, há uma rede de ajuda feminina em torno do Bar e da anfitriã e entre todas essas mulheres que circulam pelo espaço. Isso demonstra uma forma muito particular de fazer política, que não se restringe apenas à articulação com o Estado, como o diálogo com alguma autoridade política para conseguir cestas básicas, por exemplo. Demonstro mais um pouco desse fazer político do Coletivo nas próximas cenas.

2.3 Bingo Solidário, 15 de novembro de 2025

Nos anos seguintes, construí uma relação de amizade com algumas integrantes do Coletivo. Sempre que solicitavam minha ajuda nos seus eventos e ações, eu me fazia presente para elas. Minha ajuda se restringia à redação da relatoria dos eventos que elas organizavam e que reuniam movimentos sociais de prostitutas de diferentes estados. Aos poucos, pude exercer outras funções nesses eventos. No último que participei, o I Encontro da Central Única de Trabalhadoras e Trabalhadores Sexuais⁹, além da relatoria, eu estive numa espécie de “bastidores” do evento. Organizei *slides* e vídeos que seriam passados no data show e, ainda, auxiliei na gravação das atividades, mesas redondas e palestras.

Após esse evento, senti que minha presença se tornou mais querida pelas integrantes. Uma delas, Helena, falou para Flávia e dona Dijé que elas deveriam me chamar mais vezes, pois, segundo ela, eu “*realmente trabalhava*”, e elas precisavam de “*pessoas assim*” nesses momentos. Depois disso, Flávia me contatou via *whatsapp* e perguntou se eu poderia ajudá-la a fazer os *cards* que seriam postados na conta do *Instagram* do Coletivo, e eu disse que sim. Nessa ocasião específica, o *card* que elas precisavam era para anunciar uma ação de saúde em alusão ao Outubro Rosa, quem entrou em contato comigo para repassar as informações foi outra ativista, Claudia.

Em uma outra ocasião, Claudia perguntou se eu poderia fazer outro *card* anunciando um Bingo Solidário, ela me repassou as informações e eu disse que poderia fazer, mas por estar em uma rotina corrida de aula e apresentação de seminário no mestrado, só conseguiria enviar depois. No dia seguinte, ela me avisou que uma outra pessoa tinha feito o *card*, pois elas estavam precisando divulgar com urgência. Claudia me explicou que o bingo estava sendo organizado para arrecadar fundos para levar as ativistas do Coletivo Por Elas Empoderadas para a Marcha das Mulheres Negras, que iria ocorrer no dia 25 de novembro na cidade de Brasília-DF. As cartelas estavam sendo vendidas a 20 reais no Bar dos Amigos, e quem comprasse tinha direito a um prato de feijoada e um número para o sorteio de brinde surpresa. O prêmio para quem preenchesse a cartela eram 3 grades de cerveja. O evento iria ocorrer no dia 15 de novembro na Praça da Liberdade, localizada no bairro do Desterro.

Comprei uma cartela na mão de Claudia e pedi para deixar separada no Bar. Fiquei ansiosa em participar do bingo, pois nunca havia participado de um. No dia, um sábado ensolarado, consegui chegar ao Bar dos Amigos antes das 13h, cumprimentei dona Amparo que estava atendendo alguns clientes, e ela me informou que dona Dijé já

⁹ O Encontro aconteceu nos dias 21 a 23 de setembro de 2025, no Convento das Mercês, localizado no bairro do Desterro.

estava na Praça da Liberdade organizando o evento. Antes de ir para lá, encontrei Claudia que me cumprimentou e entregou minha cartela com o número 64 grampeado nela e atrás escrito “Marcella - UFMA”. O horário do evento estava previsto para 13h, mas Claudia avisou que só começaria por volta das 17h e, na verdade, o bingo só foi começar realmente às 18h.

Seguindo em direção à Praça da Liberdade, que ficava a poucos metros de distância do Bar dos Amigos, questionei-me o que iria ficar fazendo até o entardecer e mal sabia que teria a oportunidade de presenciar a preparação do evento e observar aos poucos os diferentes acontecimentos que seguiriam. A Praça não é muito grande, ela possui quatro bancos de madeira que ficam ao redor de palmeiras imperiais. No lado direito da praça, há uma parede branca com algumas esculturas representando pessoas negras. O espaço estava ocupado por duas tendas grandes com algumas cadeiras e mesas. No fundo da praça, dois Dj’s organizavam seus aparelhos e três caixas de som. No mesmo lado das esculturas, havia dois carrinhos com isopor e um guarda-sol fazendo sombra sob ele, ao lado, duas mesas de plástico com duas caçarolas industriais, que pelo aroma, sabia que eram as feijoadas preparadas por dona Dijé. Avistei-a atrás das caçarolas e foi uma surpresa agradável ao ouvir “*Que bom que tu veio!*”, perguntei como estava e ela me disse que estava cansada, pois tinha ficado até tarde preparando as feijoadas.

Na sua frente, estava Helena sentada e na mesa cartelas a serem vendidas e entregues, e uma caneca cheia de canetas, que seriam entregues aos convidados na hora do bingo. Sentei-me junto a ela e começamos a conversar, perguntei quantas pessoas iriam para a Marcha das Mulheres Negras e ela me informou que disponibilizaram apenas 10 vagas para o Coletivo, composto por 25 pessoas. Pouco depois, começou uma movimentação coletiva para puxar energia, esquentar a feijoada, organizar os brindes do sorteio, que estavam em sacolas laranjas da Natura e, enfim, terminar os preparativos do evento. Aos poucos, as pessoas foram chegando, comprando cartelas e bebidas vendidas por uma das integrantes, Carla, em seu carrinho com isopor. Os DJs tocavam do samba ao brega, passando pelo pagode e forró, enquanto Dijé servia as pessoas com feijoada, arroz e farofa. A tarde seguiu ensolarada e permeada de conversas nas mesas embaixo das tendas. A praça, que antes estava vazia, aos poucos foi sendo ocupada pelas pessoas, ao ponto de se tornar pequena para o evento.

Algumas cenas me capturaram. Dois homens de pele negra e calvos se aproximaram: um deles com o figurino da Escola de Samba Turma da Mangureira - calça, camisa e chapéus nas cores verde e rosa -, empunhando um pandeiro; o outro de

calça jeans e uma blusa com a foto do bairro do Desterro, escrita “Festa dos Amigos do Desterro”. Mais adiante, um homem me chamou a atenção pelos seguintes dizeres em sua camisa verde: “Bonito demais para ser hétero”; e seu chapéu estilo *cowboy*. Por fim, uma senhora de pele negra chegou ao evento com um vestido azul florido, acessórios dourados e coloridos, que reluziam contra a luz do sol, iluminando seu corpo. Registro essa estética das pessoas na intenção de chamar a atenção da potente beleza urbana corporificada nessas festas.

Antes do bingo começar, ainda houve uma pequena celebração do aniversário de um amigo da comunidade do Desterro, trouxeram um bolo e todos cantaram parabéns para ele. Assim que cessou, Dijé já estava conferindo as bolas do globo do bingo, chamando dois homens para anunciar os números. Antes de começar, o interlocutor principal disse que estava com saudades do bingo da comunidade do Desterro.

Registro aqui minha primeira experiência em um bingo: não sabia que anunciavam os números de acordo com os animais do Jogo do Bicho, em alguns momentos, enquanto todos caíam na gargalhada pelo trocadilho do interlocutor, me via perdida. A cada bola anunciada, o interlocutor fazia um trocadilho com algum animal ou com alguém da comunidade: “*Esse aqui vai dá naquela mesa porque só tem COBRA*”, em seguida, “*É brincadeira, gente, eu respeito muito vocês*”. Alguns consegui entender como o “*Essa rua era perigosa, agora não é mais*”, imaginei que estivesse se referindo a Rua 28 de Julho, hoje Rua do Giz, anos atrás fazia parte das ruas da Zona do Baixo Meretrício. Marquei na cartela o número 28.

Faltando apenas três pontos para minha cartela ficar preenchida, uma ativista do Coletivo, Valéria, e outra mulher gritaram “*BINGO!*”. Ambas decidiram dividir as 3 grades de cerveja, cada uma ficou com uma grade e meia. O interlocutor continuou anunciando e falou que não era para rasgarem a cartela porque ainda teria o sorteio dos brindes, e que todos ali “*iam sair com sabonete da Natura para ficarem cheirosos*”. Quando restavam apenas 4 brindes, dos 9 que tinham, meu número, 64, foi anunciado e gritei de felicidade, ao passo que o interlocutor me disse: “*Olha, gostei da animação!*”. Depois do término do Bingo, comecei a me despedir das integrantes e novamente tive uma surpresa agradável ao me falarem para eu aparecer mais pelo Desterro.

Os trocadilhos feitos uns com os outros e o saudosismo à comunidade do Desterro levam a uma dimensão da festa que é a existência de um senso de comunidade, expresso em todos ali que compartilham uma estima um pelo outro. Nesse espaço da festa, o Coletivo reúne diferentes pessoas em prol das suas causas, e a partir disso, cria

esses espaços para celebrar com diferentes pessoas da comunidade. É por meio do cultivo das redes de ajuda, fortalecidas nesses momentos, que o Coletivo integra ao seu fazer político a articulação com a comunidade do Desterro. As cenas que retratei aqui também possuem como objetivo chamar atenção para a forma como a rua é transformada e ocupada por esses diferentes corpos e sujeitas. Na sessão seguinte, reflito sobre essa forma de fazer política e de ocupar a cidade.

3 REFLEXÕES TEÓRICAS

Primeiramente, gostaria de chamar atenção para o protagonismo negro e feminino nesse espaço descrito na sessão anterior. No Brasil, as mulheres negras, historicamente, são a maioria que ocupam o lugar da prostituição, ainda assim, mesmo em contextos de violência, vulnerabilidade social e econômica, elas se organizam politicamente em busca dos seus direitos enquanto trabalhadoras sexuais (Bonomi, 2019). Ainda, segundo o Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (Raseam) realizado em 2024, as mulheres negras representam 60,4% das vítimas de violência. Esse retrato da condição da mulher brasileira mostra como a colonização e escravidão, que marcaram o processo de formação do país, refletem nas suas vivências.

Lélia Gonzalez (1988) reflete sobre como essas estruturas transformam as diferenças em desigualdades e como elas fazem com que as mulheres negras latinoamericanas sofram uma discriminação de caráter triplo, sendo atravessadas por desigualdades de gênero, raça e classe. Apesar disso, segundo a autora, “é no popular que encontramos maior participação de mulheres afro-americanas e ameríndias que, preocupadas com o problema da sobrevivência familiar, procuram se organizar coletivamente” (Gonzalez, 1988, p. 133). Na tentativa de diminuir os contextos de violação dos direitos, as mulheres negras são as protagonistas nas articulações políticas do cotidiano e nos movimentos sociais. Levando isso em conta, trago um enfoque às práticas políticas das minhas interlocutoras.

3.1 Arte de fazer política e ocupar a cidade

O campo da prostituição feminina é constantemente marcado por preconceitos e estigmas, visto como algo delinquente que deve ser penalizado ou até mesmo como um mal social que deve ser controlado, protegendo a sociedade e assegurando a “moral” (Barreto; Grossi; Mayorga, 2013).

Diante desse cenário, o Coletivo Por Elas Empoderadas surge em um contexto histórico e político marcado pela necessidade de assumir uma postura em defesa dos direitos das profissionais do sexo. A importância disso se dá por operarem como um mecanismo de oposição e de desconstrução da violência, dos estereótipos e estigmas. A construção dos direitos das prostitutas é a validação legal e cultural de sexualidades marginais sem o risco de morte, tortura e culpabilização moral (Olivar, 2007).

Tendo em vista esse contexto, podemos entender as festas não apenas enquanto celebrações, mas como uma expressão do fazer político do Coletivo. E ainda, podemos entendê-las como um espetáculo que acontece na rua, uma arte com caráter efêmero e, portanto, uma criação artística. Chamo a atenção para isso pois, parto da perspectiva de Veena Das e Deborah Poole (2008) de entender que sujeitos em situações de adversidades não se submetem à domínios e opressões de maneira passiva, mas criam e produzem estratégias políticas e sociais que fornecem formas seguras de viver. As ativistas do Por Elas Empoderadas, ao realizarem suas festas, criam um espaço onde as trabalhadoras sexuais podem se expressar de diferentes maneiras (seja pelo corpo, beleza, dança ou canto) e circular livremente pelo espaço, sem correr o risco de sofrer algum tipo de violência, seja física ou em forma de preconceito.

Na contramão de discursos que estigmatizam essas mulheres, o Coletivo Por Elas Empoderadas cria esses espaços para que elas possam fazer amizades, dançar, cantar, beber e celebrar a vida, dando a devida importância às suas outras dimensões enquanto mulheres, não apenas enquanto prostitutas. E, sabendo que a maioria delas são mães que fazem da prostituição um meio de sustentar seus filhos, as ativistas demonstram que as enxergam para além do trabalho que exercem.

Sob essa perspectiva, a partir de Vi Grunvald (2019)¹⁰ e Ana Paula Grabois (2025) podemos refletir sobre o entrelaçamento de arte e política, que levam a pensar como essas festas podem ser espaços de defesa aos direitos das prostitutas e como essa arte mostra uma outra forma de pensar e ocupar a cidade. Grunvald (2019), ao estudar o coletivo Revolta da Lâmpada e suas manifestações artísticas que se davam no espaço da rua, reflete que essa forma de ativismo carrega com si a reivindicação por uma cidadania insurgente, denunciando um padrão cultural que é excludente e discriminatório a tudo aquilo que não se encaixa na lógica da branquitude e cisheteronormativa. Ela questiona que o espaço público não é algo que está dado, por isso, coloca que para esses ativismos:

¹⁰ Na época que o artigo foi publicado, a autora se identificava enquanto um homem cisgênero. No entanto, atualmente ela se identifica enquanto uma travesti, por isso, decido por respeitar a sua identidade e utilizar os pronomes femininos.

“Os processos de inclusão ou exclusão, igualdade ou hierarquia e acesso ou restrição à cidadania são conformados a partir de determinações que são, antes de tudo, alocadas no corpo. O que está em jogo é o corpo e suas determinações. E se a cultura é não apenas corporificada, mas diferencialmente marcada no corpo, também deve sê-lo a política, assim como a própria ciência. São as marcas de gênero, sexualidade, raça, classe, deficiência e geração e assim por diante que devem ser levadas em conta na construção de um conjunto amplo de ações capazes de produzir cidadania mais inclusiva” (Grunvald, 2019, p. 281).

Essa forma de ativismo, que mobiliza a arte, enquanto uma forma de reinventar práticas políticas, acompanha um contexto histórico e uma geração de artistas que estão menos interessados na arte e mais na maneira como ela pode ser um instrumento de transformação social e política (Grunvald, 2019). É uma forma de ativismo que não desconsidera a luta por direitos, mas não se restringe a eles, mobilizar a arte como prática política é também uma maneira de afetar e provocar reflexões em pessoas que os discursos formais não atingiram (Grunvald, 2019). Ainda, a autora completa que esse ativismo não dissocia práticas políticas, existências corporais e criações estéticas, e ao fazerem no espaço da rua, mostram uma forma de atuar politicamente que vai além do que a teoria clássica informa.

Seguindo a lógica da autora, podemos pensar como as festas organizadas pelo Coletivo são esses espaços que as pessoas não se reúnem com o objetivo de fazer política, mas acaba se tornando um ato político reivindicando uma cidadania mais inclusiva. A autora também mostra que as formas de atuar politicamente no mundo são diversas, ao trazer a lógica da corporeidade e, principalmente, do corpo que é historicamente excluído pelo Estado e pela noção de cidadania, mostra a potência política desses corpos ocupando e reivindicando pelo espaço da rua, o espaço público.

Dessa forma, a autora apresenta uma perspectiva para pensar que ocupar as ruas do bairro do Desterro através de uma arte que envolve a construção e o estímulo às redes de amizade, parceria, cuidado e afeto que tem o cotidiano urbano como lócus é uma forma de fazer política e de lutar pelos direitos das prostitutas. Uma política cotidiana, portanto, atenta às redes de ajuda, à produção de modos de perceber a beleza e à atenção à estética, mas principalmente à criação de espaços onde corpos historicamente excluídos possam circular livremente pelo espaço da rua. Essa reflexão sobre como as festas são uma expressão do fazer político do Coletivo leva a pensar também sobre como contextos marcados por adversidades fazem emergir experiências diversas sobre modos de conhecer, pensar, habitar e também de enfrentar a violência. Assim, podemos entender essas sujeitas, as ativistas e as profissionais do sexo, como

peessoas que não se submetem à dominação de forma passiva, mas criam uma forma específica de fazer política, que não se restringe à articulação com o Estado.

Ainda, o ato de ocupar a rua por meio das festas diz respeito a um modo específico de fazer e ocupar a cidade. A partir de Grabois (2025) podemos pensar como as pessoas produzem lógicas diferentes da cidade. Em sua tese, ela argumenta que é a partir da ocupação de prédios abandonados, mas também outros espaços que sua interlocutora atua e ocupa, que ela faz o movimento do direito à cidade, é também a afirmação de participar da vida urbana, mesmo que, naquele caso, entre a fronteira do legal e ilegal. Dessa forma, penso juntamente com a autora que a cidade é feita a partir do que as pessoas fazem dela.

As ativistas do Coletivo, ao terem a rua como principal espaço de suas ações e festas, fazem dela um espaço de sociabilidade entre as profissionais do sexo e os moradores do bairro. Acima de tudo, constroem um espaço de vivência coletiva e de multiplicidade de ser e estar com pessoas diferentes, que chamam a sua atenção para o espaço a partir de suas escolhas de beleza estética. É por meio de suas festas, mas também o cotidiano no Bar dos Amigos que as ativistas reúnem diferentes pessoas para pensar e lutar pelos direitos das profissionais do sexo, e fazem um movimento de direito à cidade. Nesses espaços, a vulnerabilidade que atravessa esses corpos marginalizados é transformada em visibilidade, expressando uma cidadania insurgente que contempla, principalmente, corpos negros e femininos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, orientada pelas autoras consultadas, procurei não reduzir minhas interlocutoras a meras sujeitas reativas, mas evidenciar como elas atuam criativamente e artisticamente no mundo, uma arte efêmera e urbana que nasce de suas experiências enquanto ativistas que lutam pelos direitos das trabalhadoras sexuais. No cotidiano dessas ativistas, materializado no contexto do Bar, a partir de suas criações e da construção de redes de ajuda, elas criam outras formas de pensar a prostituição feminina e de ocupar a cidade. Ao fazerem isso, demarcam seu posicionamento contra a estigmatização de corpos socialmente excluídos da lógica de cidadania.

Ainda, foi apenas por meio do fazer etnográfico, das anotações no diário do campo, mas principalmente do saber estar e permanecer no campo que as vozes das minhas interlocutoras deixaram de ser apenas relatos sensíveis sobre ações políticas

para serem uma sofisticação teórica sobre fazer política. Pude entender que o acesso aos direitos das profissionais do sexo, que envolve o exercício de uma sexualidade marginal sem o risco de morte, não se dá apenas na esfera institucional, no diálogo com o Estado, mas também no cotidiano, na arte, no cultivo das redes de ajuda mútua e amizade.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Leticia; GROSSI, Miriam; MAYORGA, Claudia. Pensando a prostituição, a pesquisa e a militância. **III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**. Universidade do Estado da Bahia– Campus I. 2013.

BEZERRA, Nicole Pinheiro. **"Patrimônio vivo, tombado, mas não caído": Uma etnografia sobre casa, política e cuidado no Centro Histórico de São Luís/MA**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas, Departamento de Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023.

BONOMI, Carolina. **"Mulher da Vida, É Preciso Falar": um estudo do movimento organizado de trabalhadoras sexuais**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2019. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1639274>.

DAS, Veena & POOLE, Deborah. El Estado y sus márgenes. Etnografías comparadas. **Cuadernos de Antropología Social**. n.27, 2008, p. 19 – 52.

GATO, Matheus. Espaço, cor e distinção social em São Luís (1850-1888). In: RIOS, Flávia. BARONE, Ana. **Negros nas cidades brasileiras (1890-1950)**, 219-274. São Paulo: Intermeios; FAPESP, 2018

GONZALEZ, Lélia. 'Racismo e sexismo na cultura brasileira'; 'Por um feminismo afrolatinoamericano'. In GONZALEZ, Lélia; RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.) **Por um feminismo afrolatinoamericano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 75-93; 139-150. [1988]

GRABOIS, Ana Paula Potengy. **Trajetória de uma camelô: entre a rua, a família e o trabalho**. 2025. 193 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

GRUNVALD, V.. Lâmpadas, corpos e cidades: reflexões acadêmico-ativistas sobre arte, dissidência e a ocupação do espaço público. **Horizontes Antropológicos**, v. 25, n. 55, p. 263-290, set. 2019.

NASCIMENTO, S. S. O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 62, n. 2, p. 459-484, 2019.

OLIVAR, José Miguel Nieto. O direito humano de ser puta: uma reflexão sobre direitos sexuais no universo da prostituição feminina em Porto Alegre. **Teoria e Sociedade**, [s. l.], v. 15, p. 108-137, julho-dezembro. 2007.